

O ENSINO HÍBRIDO E A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NO SERTÃO MARANHENSE

Aline Borba Alves – alineborba@hotmail.com – UEMAnet

RESUMO. *A pesquisa visa compreender o ensino híbrido, a ressignificação das práticas pedagógicas e o uso das tecnologias digitais na promoção do saber nos espaços educacionais no sertão maranhense no século XXI. Portanto, dentro da perspectiva pedagógica a pesquisa contribui na compreensão do hibridismo no processo de ensino aprendizagem e na representação de sertão em seus aspectos múltiplos, evidenciando as práticas educacionais na era das tecnologias digitais. Uma vez que, a educação plural potencializa o desenvolvimento da aprendizagem nos espaços educativos, em suas relações de singularidades e possibilidades. A abordagem metodológica é de cunho bibliográfico e fundamenta-se em autores como Bacich (2015), Levy (1999), Certeau (1994), Albuquerque (2005) entre outros.*

Palavras-chave: *Ensino Híbrido. Sertão. Práticas Pedagógicas. Tecnologias Digitais.*

HYBRID TEACHING AND THE RESIGNIFICATION OF EDUCATIONAL PRACTICES IN THE MARTAHENSE SERTÃO

ABSTRACT. *The aim of this research is to understand hybrid teaching, the re-signification of pedagogical practices and the use of digital technologies in the promotion of knowledge in educational spaces in the sertão of Maranhão in the 21st century. Therefore, within the pedagogical perspective, research contributes to the understanding of hybridism in the process of teaching learning and representation of sertão in its multiple aspects, evidencing educational practices in the era of digital technologies. Since plural education enhances the development of learning in educational spaces, in its relations of singularities and possibilities. The methodological approach is based on bibliography and is based on authors such as Bacich (2015), Levy (1999), Certeau (1994), Albuquerque (2005) and others.*

Keywords: *Hybrid Teaching. Pedagogical practices. Digital Technologies.*

Submetido em 15 de julho de 2019.

Aceito para publicação em 31 de julho de 2019.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1 INTRODUÇÃO

O processo histórico do nosso país afeta as diversas esferas sociais, inclusive na educação, apesar dos inúmeros desafios. A educação a distância tem se destacado no Brasil, oportunizando a inclusão, diminuindo distâncias, rompendo barreiras em prol de uma educação mais autônoma. O processo de ensino aprendizagem vem evoluindo cada dia, é plural e amplo, propiciando flexibilidade, o desafio vem sendo superados, a exemplo das ferramentas digitais enquanto recursos, na educação básica ou na EaD em nível de graduações e pós-graduações.

Nesta perspectiva, tanto a palavra sertão quanto educação apresentam inúmeras definições sob muitos aspectos geográfico, cultural e social é pluralizado, e as representações são ressignificadas constantemente pelos discursos. Os territórios são antagônicos em espaço e tempo culturalmente construídos pelo homem em diferentes contextos, no Maranhão. Pode se observar muitos sertões, líquidos e secos, mas os estereótipos também atribuídos a esta palavra e ao nordeste em si, como o sofrimento, a representação da seca, da miséria nas veredas de um sertão imagético que se tornou amplo e carregado de significado dentro do país.

A pesquisa busca compreender o ensino híbrido, a ressignificação das práticas pedagógicas e o uso das tecnologias digitais na promoção do saber nos espaços educacionais do sertão maranhense no século XXI. Dentro da perspectiva pedagógica a pesquisa contribui com a representação de sertão em seus aspectos múltiplos, evidenciando o ensino híbrido e as práticas educacionais na era das tecnologias digitais.

O modelo híbrido de aprendizagem já pode ser visto de forma mais evidente até na educação básica. A Reforma do Ensino Médio aprovada recentemente evidencia ainda mais a relevância de uma educação melhor, seja ela presencial seja a distância e nos lança a outros desafios tais como a melhoria das ferramentas tecnológicas, a sua utilização, a formação dos profissionais da educação para essa nova prática de ensino, mas sem dúvida o ensino híbrido vem ganhando espaço no Brasil contribuindo com o processo educativo.

A escola e as demais instituições educativas vistas pela plasticidade social se apresentam e se representam de modo plural, bem como as práticas educativas e suas adequações ao contexto histórico e social. A abordagem metodológica utilizada para o desenvolvimento da pesquisa é uma análise bibliográfica e se fundamenta em autores como Bacich (2015), Levy (1999), Certeau (1994) e Albuquerque (2005) dentre outros.

Portanto, o ensino híbrido nos espaços sertanejos, apesar dos inúmeros desafios, também já vem sendo desmitificado enquanto espaço atrasado e distante dos grandes centros urbanos, as tecnologias digitais, inclusive possibilitou a inclusão de todos os sujeitos. As ferramentas digitais se configuram como possibilidades de avanços nas práticas pedagógicas, seja na educação básica seja nos níveis de extensão/ qualificação superiores e técnica. Pensa-se em educação em seu sentido amplo, integrada a todos em todos os espaços.

2 EDUCAÇÃO NO SERTÃO MARANHENSE

Na educação as transformações tecnológicas são observadas como consequências do crescimento econômico das sociedades e se refletem nas práticas pedagógicas; e a educação deve priorizar as relações sociais, o convívio e o diálogo dentro e fora da escola. As relações com a comunidade escolar são decisivas, pois tornam visíveis os desafios relacionados ao processo educacional, além de com as ferramentas na era digital apresentam-se como vantagens e desvantagens em sala de aula.

Acreditava-se que a educação nos períodos colonial e imperial viesse a ser um perigo à ordem vigente. De acordo com Ghiraldelli Jr., o termo “educação” no sentido etimológico significa “incentivar o aprendiz a forjar suas próprias regras”. A palavra tem sua origem em duas outras de origens latinas, a saber, *educere* e *educare*; a primeira quer dizer “conduzir de fora”, “dirigir exteriormente”; a segunda indica “sustentar”, “criar”. (GHIRALDELLI, 2009, p. 13).

Há rupturas no que diz respeito aos conceitos de educação tradicional; nessa o aluno é considerado um elemento passivo e recebedor do conhecimento e o professor, o portador de tal conhecimento. Nesse novo contexto, a tecnologia pode ser interpretada como um meio de democratizar a educação e o acesso a uma formação verdadeiramente emancipatória (BELLONI, 2006)

As constantes atualizações tecnológicas e a grande influência cultural na sociedade da segunda metade do século XX até o momento têm causado uma virtualização das relações. Segundo Levy (1999, p.5), entende-se virtualização como: palavra derivado do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*: força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado; no entanto, à concretização efetiva ou formal, por exemplo: a árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente. Nesse contexto, não se define o virtual como o oposto do real, mas como uma diferente maneira de ser. As interações realizadas no ciberespaço são dotadas de realidade em potencial, onde se constituem por informações das mais diversas origens, interligadas e com potencial para modificarem a estrutura do pensamento humano.

Levy (1999) afirma ainda que o virtual e a tecnologia têm alterado as relações sociais e - mais amplamente - as relações pedagógicas, que, influenciadas por tais mudanças, buscam se reinventar. Será necessário, portanto, que sejam encontradas soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores. Audiovisual, “multimídia” interativa, ensino assistido por computador, televisão educativa, cabo, técnicas clássicas de ensino a distância.

Prensky (2001) considera que os indivíduos que nasceram e cresceram no mundo digital, cercados pelas tecnologias, desde seus brinquedos eletrônicos até as mais novas ferramentas da era digital, possuem uma maneira distinta de ver e se relacionar com o mundo, em todos os aspectos: em casa, no trabalho, na escola, ou ainda nas questões

de relacionamentos, quando comparados com a maneira como os imigrantes digitais - que aprenderam posteriormente a usar as ferramentas tecnológicas do mundo digital - se relacionam.

Os espaços educacionais devem priorizar a aprendizagem; por isso, a ressignificação da prática docente deve ser constante, visando sanar os problemas e contribuir para uma sociedade melhor e um processo educativo democrático. Isto é importante tanto para o processo evolutivo da educação quanto para os alunos que utilizam as tecnologias em sala de aula como instrumentos didáticos, a exemplo de computadores, celulares, tablets e etc. Nesta perspectiva Peixoto, (2012) enfatiza que a tecnologia é pensada como mediação e como instrumento de transformação do processo de aprendizagem e das relações pedagógicas.

2.1 Um olhar sobre o ensino híbrido e as tecnologias digitais no sertão maranhense

O novo cenário da evolução tecnológica está cada vez mais acelerado exigindo novas formas de trabalho, novas maneiras de viver e de conviver, influenciando a economia, a política, as formas como as sociedades se organizam, demandando respostas ágeis, flexíveis e mecanismos cada vez mais interativos e participativos. Entretanto, a escola ainda não está preparada para formar adequadamente as novas gerações para que estas enfrentem os desafios atuais, já que insiste no uso de metodologias cientificamente defasadas e que camuflam velhas teorias a partir de propostas que continuam vendo o aluno como um mero espectador, um simples receptor de estímulos, um eterno copiador e reproduzidor de informações (MORAES, 2002).

Em pleno século XXI, alguns segmentos da sociedade global ainda resistem, por diversos motivos, a penetração das TDIC nos ambientes educacionais, seja para realizar projetos seja para complementar o ensino executado de forma tradicional. Como instrumentos dessa época e mediadores da interação humana, as tecnologias digitais - possivelmente - têm contribuído para mudanças em algumas práticas sociais como a comunicação, a socialização, a organização, a mobilização e a aprendizagem (LALUEZA; CRESPO; CAMPS, 2010, p. 51).

Segundo Kenski (2012), "as tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana". A palavra tecnologia se traduz desde os artefatos pré-históricos - como a descoberta do fogo ou a invenção da roda - até os objetos mais modernos - como os dispositivos móveis digitais. A linguagem também é uma tecnologia, e assim é possível compreender que o lápis, a caneta, o papel, entre tantas outras invenções, também são considerados tecnologias.

A construção de significados segundo a afirmação de Bardin (1977, p. 105), com a análise temática objetiva em desvendar o que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, e assim "descobrir os 'núcleos de sentido' que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido".

Talvez por isso, Freire (1995) tenha classificado o estado da escola, de forma muito polida, como "péssima"; para ele, a questão não consiste em acabar com a escola,

mas sim, transformá-la, tornando-a uma entidade tão atual quanto a tecnologia, colocando a escola a altura do seu tempo. Em conformidade com esta proposta, a adoção das TDIC na Educação como algo que permitirá ao estudante ser capaz de rejeitar a opressão (do modelo tradicional de ensino) e se manter dentro de um senso de curiosidade que tinha desde que era criança, ressaltando a escola como o local onde as pessoas devem ir e se encontrar para aprender, e ressalta que nunca as TDIC poderão substituir a escola. Exalta que o papel dos professores é encontrar um novo caminho e buscar novas práticas pedagógicas, que privilegiem o protagonismo do estudante em seu próprio processo de aprendizagem, estas ações educativas se assemelham nos mais variados espaços e pensar o sertão a partir dessas ressignificações pedagógica tem uma representação social extremamente importante para o processo educacional.

O sertão – enquanto espaço de construção de identidade – é fruto das artes e das astúcias dos homens, que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias, separações entre homens e coisas do mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis, lançando mão para isto, não apenas de explicações e compreensões racionais, mas também das fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e das sombras (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 02).

O imaginário do sertão permeia em todas as artes, servindo para a construção de uma ponte que o liga ao inverso do que se configura esta categoria para a sociedade que não o compreende em sua concretude, ou por meio dos estereótipos dos discursos ou imagens. Na educação – como outras expressões humanas – evidencia-se a vida e os aspectos sertanejos de modo ao interligá-lo ao restante do mundo em seus pormenores, não enquanto reduto de isolamento ou atraso, mas como lugar de vida e teias de múltiplas identidades, como fala o escritor Guimarães Rosa (1985, p. 3) na obra *Grande Sertão: veredas* o qual afirma que “o sertão está em toda parte”, este fragmento delinea a simbologia da pluralidade do sertão em seus múltiplos aspectos e a ausência de fronteiras que limitam o espaço seja ele geográfico, histórico ou social.

O espaço social que se configura como morada dá forma e cor ao cotidiano do sertão maranhense, onde os sujeitos sertanejos se personificam de modo peculiar, os quais se tornam únicos. O cotidiano é construído e se adapta ao tempo e espaço, como afirma Certeau (1994, p. 97), “O homem inventa o cotidiano, graças à arte de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais ele altera os objetos e os códigos, se reapropria do espaço e do uso do seu jeito”.

No cotidiano do mundo geográfico, integramos, articulamos e “misturamos” diferentes formas de comunicação e de experiência do mundo digital virtual, com outras tecnologias, por meio de links e *teleports*. A integração, articulação de diferentes tecnologias, remete-nos ao contexto do hibridismo tecnológico digital (BACKES, 2013).

Deste modo, a metodologia híbrida trabalha com diferentes modelos aplicados a inovação sustentada, sendo alguns conhecidos por Rotação por Estações, Laboratório Rotacional, e a Sala de Aula Invertida. Segundo Bacich (2015), no que se refere à Sala de Aula Invertida ou *Flipped Classroom*, os alunos podem usufruir das variadas gamas de

acervos digitais, recursos audiovisuais, como também conteúdos que ficam armazenados em uma plataforma on-line, acessível fora da sala de aula.

Sabe-se que as situações de ensino-aprendizagem inovadoras, calcadas na virtualidade, empregando materiais didáticos tradicionais, o que desvirtua, sem trocadilhos, as relações educativas almejadas ou alardeadas. O desenvolvimento de materiais didáticos para a sala de aula virtual – objetos de aprendizagem, conteúdos digitais, hiperdocumentos, sites, educativos, blogs etc. – constitui, portanto, uma necessidade fundamental para subsidiar o trabalho docente em situações de exploração pedagógica das NTCIE12 (SANTOS, 2010, p.9).

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no campo educacional proporciona um acesso significativo a informações, as quais exigem adequações nas estratégias pedagógicas utilizadas por professores e alunos. Essa premissa é confirmada por Gomes (2005) que consideram que as características da educação foram diferentes nas sociedades pré-industrial, industrial e da informação.

Ensino Híbrido é, pois, um modelo de educação formal que se caracteriza por mesclar dois modos de ensino: o *on-line* e o presencial. A palavra híbrido vem de misturado, mesclado, *blended*. Para Bacich e Moran (2015), a educação sempre foi híbrida porque sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Com as tecnologias digitais, com a mobilidade e a conectividade, essa abordagem é muito mais perceptível, ampla e profunda: “trata-se de um ecossistema mais aberto e criativo”. (BACICH; MORAN, p. 45, 2015).

Santos (2010), afirma ser é necessário que se investiguem novas formas de renovação da sala de aula. Para este autor, professor precisa de uma liberdade para a escolha de seu próprio material, a fim de formular atividades condizentes com o conhecimento ao qual deseja direcionar seus alunos de forma eficiente. Para que a mediação entre conhecimento e tecnologia aconteça de forma eficaz, o professor necessita estar completamente “à vontade” com o material.

A geração atual sonha em conciliar trabalho e lazer, e tem fortes relações com as tecnologias e as novas mídias. Entre os aspectos positivos está o fato de não terem medo de errar, de confrontar ideias e dizer o que pensam. Entre os aspectos negativos está a dificuldade de concentração, de organização e de ouvir apontamentos críticos a seu respeito. Os indivíduos dessa geração usam os equipamentos eletrônicos para se divertir, em tarefas domésticas, sociais e escolares (MAZON, 2012).

O contexto da era denominada digital, configura-se ampla e sem fronteira no que diz respeito as muitas possibilidades. No espaço escolar os docentes tem uma gama de ferramentas, apesar dos desafios financeiros relacionados aos subsídios do Estado, as instituições educacionais já proporcionam a relação do ensino presencial e o virtual, graças as tecnologias digitais.

2.2 O hibridismo no processo educativo: da educação básica ao ensino superior

O hibridismo tecnológico é a combinação, a articulação e a integração de diferentes tecnologias, na perspectiva da coexistência, envolvendo as diferentes

tecnologias digitais, assim como as tecnologias analógicas (NORONHA, 2016). Para Backes (2015), "o hibridismo tecnológico digital resulta num conjunto de tecnologias digitais coerente de possibilidades de realização da atividade humana num espaço digital virtual", que, pelas interações pode proporcionar um maior engajamento do estudante na construção do conhecimento por propiciar diferentes formas de aprender e representar o conhecimento.

Neste sentido, Garcia (2002, p. 20) diz que – para utilizar as TICs – é fundamental repensar as estratégias de ensino, pois de nada adianta introduzir estas tecnologias sem planejamento, sem saber das vantagens e limitações que essas ferramentas podem apresentar. Assim, a adesão a uma nova tecnologia deve sempre resultar de um processo de reflexão sobre seu significado, seu impacto e seus efeitos, pois somente incorporar novos meios, ferramentas e instrumentos nas escolas não assegura inovação pedagógica.

Moran (2002), afirma que o ensino a distância se fundamenta como um processo de ensino aprendizagem mediado por tecnologias em que professores e estudantes estão separados no tempo e no espaço. A intermediação da aprendizagem ocorre pela interação entre professores e estudantes por meio das tecnologias, principalmente, internet, correio, rádio e televisão. Sabemos que o modelo híbrido pode ser utilizado seja nas práticas pedagógicas do ensino presencial e/ou do ensino a distância, sendo este de suma importância ainda mais no atual contexto que nos encontramos, enquanto educadores que somos, podemos interagir com o ensino híbrido para contribuir com o processo de aprendizagem. Isso ocorre no processo educativo desde a educação básica ao ensino extensivo nos níveis mais elevados.

Conforme Alves (2011), o conceito de EAD começa a ser evidenciado em Dohmen (1967) como uma forma sistemática de auto estudo, por meio de material didático e acompanhado por um grupo de educadores, pelos meios de comunicação que atingem longas distâncias. Nesse sentido, já demonstramos a complexidade do pensamento do ser humano, segundo Morin (2011).

A Portaria dos 20% nº. 4.059, de 2004, permite que as instituições de ensino superior ofertem disciplinas que utilizem a modalidade semipresencial. Isso representa um passo importante em prol da autonomia no processo de aprendizagem, além de oportunizar a todos a educação, mesmo os que vivem em locais mais isolados e os que não tem a disponibilidade devido a jornada de trabalho. Reafirmando a preocupação de que tal prescrição legal não se torne simplesmente um caminho para enxugamento de custos, considero que a formação de professores, nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas em geral, prioridade da educação brasileira. Não se pode desconhecer, no entanto, o uso das TICs; como afirma Maria Luiza Belloni (2006), a formação de professores exige uma reflexão sobre como integrar as TICs à educação, um caminho para repensar os professores enquanto futuros usuários ativos e críticos, bem como conceptores de materiais para a aprendizagem aberta e a distância.

No Maranhão, o Núcleo de Educação a Distância (NEAD) é o setor que gere a modalidade de ensino a distância na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Os

primórdios deste setor estão ligados diretamente à institucionalização da EaD/UFMA, iniciada em 02 de fevereiro de 2004 através da Resolução nº 73/2004, que criou o Núcleo de Tecnologias da Informação, Redes e Educação a Distância (NTIREaD), na época constituído pelas subunidades: Núcleo de Tecnologia de Informação (NTI) e Núcleo de Educação a Distância (NEAD). No ano de 2006, pela Portaria nº 682/2006, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), a UFMA foi credenciada para oferta de Educação Superior na modalidade a distância em todo o Estado do Maranhão (SILVA, AMORIM, 2013).

A EaD explora técnicas de ensino-aprendizagem mediadas pela tecnologia, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativa que compõem a cibercultura, mas o essencial se encontra em um novo estilo de ensino, que favorece ao mesmo tempo a aprendizagem personalizada e coletiva em rede. De acordo com o exposto por Levy (1999 p. 158), “[...] o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede”. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos.

Moran (2015) sintetiza algumas contribuições possíveis das tecnologias digitais para a educação, mas destacamos principalmente o fato de o aluno poder assumir o papel de aprendiz proativo e participante, sujeito de suas ações e protagonista do seu aprendizado. Porém, ele não estará sozinho neste processo, pois o professor será o mediador e orientador. Para tanto, faz-se necessária uma mudança de entendimento e até de atitude pelos envolvidos; há momentos em que o aluno trabalhará individualmente; noutros, em grupos, mas o principal é que todos estejam dispostos a colaborar com sua aprendizagem. As tecnologias digitais possibilitam configurar espaços de aprendizagem, nos quais o conhecimento é construído conjuntamente, porque haverá interatividade. Não há como pensar em educação sem troca, sem co-criação. Na busca do modelo pedagógico específico da educação on-line, interatividade surge como aspecto central.

Os modelos de inovação sustentada, a plataforma *Classroom* permitem que a interação *on-line* dos alunos seja combinada com os benefícios de uma sala de aula tradicional. O professor também pode desenvolver sua prática utilizando a metodologia híbrida, por meio da própria Sala de Aula Invertida apresentada por Bacich, Neto e Trevisani (2015), na qual parte da aula acontece no ambiente virtual e, em outra circunstância, presencialmente.

Segundo Carvalho (1997), as inovações tecnológicas derivam basicamente do capitalismo, que surgiu como um novo modelo de produção entre os séculos XVIII e XIX, refletindo em uma nova sociedade: uma sociedade tecnológica. Castells (2005, p. 17) complementa dizendo que são os interesses da sociedade que modificam as tecnologias: “A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”. Assim, a tecnologia é um processo contínuo em constante evolução.

Prioste (2013) é da mesma opinião. Segundo esta autora, a inclusão digital nos ambientes escolares, simplesmente com a existência de tecnologias, não promove o ensino. O desafio da escola é desenvolver condições que permitam uma eficiente formação crítica dos jovens em relação às mídias, de modo que os alunos tenham condições de refletir e pensar criticamente sobre qualquer assunto.

A educação em processo desenvolvimentista, no contexto histórico brasileiro, é perpassada por inúmeras etapas e, ao abordamos o ensino híbrido como prática pedagógica a partir das tecnologias digitais no espaço educacional, compreendemos as pluralidades dessa prática educacional. Por isso, ao pensarmos o espaço sertão em seus aspectos múltiplos ficam evidentes as singularidades e possibilidades independente dos estigmas regionais e seus desafios. Sobre isso, Cortella (1997) explica sobre as práticas escolares e menciona que essas devem estar envoltas na realidade e no contexto social no qual a escola e seus alunos estão inseridos; uma mesma prática escolar realizada em diferentes contextos poderá ter resultados distintos.

3 CONCLUSÃO

A escola e as demais instituições, enquanto espaço social de produção do conhecimento e de aprendizagem, trazem reflexões, sobre muitos aspectos estruturais, no que diz respeito aos princípios e às funções da organização escolar, como motor propulsor para uma educação democrática a partir de sua gestão. Os avanços dos últimos séculos trouxeram à tona muita facilidade à sociedade; na educação não foi diferente, foram disponibilizados novos materiais didáticos que, apesar do desafio que trazem, proporcionam aos professores e alunos maior praticidade no aprender e no ensinar.

Logo, ao procuramos fazer uma reflexão a partir do sertão enquanto este espaço de identidade e a educação na produção do desenvolvimento com processo de ensino e aprendizagem, as tecnologias são de suma importância sem dúvida. Ao se pensar as relações/interações no ambiente educativo com todas suas prerrogativas percebe-se que esses devem ser motivos de constante reflexão por parte do professor como forma de colaboração para a educação.

O hibridismo é uma prática inovadora para o docente, a qual é usada pelo professor no espaço educacional há bastante tempo. As adaptações metodológicas no processo educativo, com recursos diversos e nos espaços múltiplos podem ser consideradas formas de ensino híbrido, pois o virtual e presencial também tem denominações contextualizadas, uma vez que a sala de aula invertida, por exemplo, pode ser representada em contextos e ambientes diversos. Por isso, pensar o sertão enquanto espaço de sociabilidade plural é relevante, levando em conta as relações educacionais dos sujeitos e suas práticas ao longo do tempo, principalmente na era digital e os avanços das ferramentas metodológicas e pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2005.
- ALVES, L. **Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo**. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. 2011.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BACICH, L; MORAN, J. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. **Revista Pátio**, n. 25, jun. 2015.
- BACKES, L. O Hibridismo Tecnológico Digital na configuração do espaço digital virtual de convivência: formação do educador. **Inter Ação**, Goiânia, v. 40, n. 3., set./dez. 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70. ed., 1977.
- BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas, Autores Associados, 2006.
- CARVALHO, M. G. Tecnologia, Desenvolvimento Social e Educação Tecnológica. **Educação & Tecnologia**, Curitiba, CEFET-PR, v. 1, n. 1, 1997, p. 70-87.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *In*: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Belém: Imprensa Nacional, 2005.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. 21 maio 2013. Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/ensino-hibrido/>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GARCIA, V. D. **A tecnologia educacional na prática pedagógica dos professores de ensino médio em escolas estaduais de Curitiba-PR. 2002**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2002.
- GOMES *et al.* **Comunicação multidirecional: um ambiente de aprendizagem na educação a distância**. Brasília: ABED – Textos EaD, 2005. Disponível em: http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/textos_ead/640/2005/11/comunicacao_multidirecional_-_um_ambiente_de_aprendizagem_na_educacao_a_distancia_. Acesso em: 28 jun. 2019.
- GHIRALDELLI, Jr. **História da educação brasileira**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- LALUEZA, J. L.; CRESPO, I.; CAMPS, S. As tecnologias da informação e da comunicação e os processos de desenvolvimento e socialização. *In*: COLL, C.; MONEREO, C. (org.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 47-65.
- LEVY, P. **Cibercultura**, 1 ed., São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAZON, M. J. S. **TPACK (Conhecimento Pedagógico de Conteúdo Tecnológico): Relação com as diferentes gerações de professores de Matemática**. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012.
- MORAES, M. C. (org.). Tecendo a rede, mas com que paradigma? *In*: MORAES, M. C. (org.). **Educação a Distância- Fundamentos e Práticas**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED 2002.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2002.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- NORONHA, F.P.T. **A construção do conhecimento de algoritmos no contexto do hibridismo tecnológico: análise da prática pedagógica aplicada no IFRS**. Canoas: Unilasalle, 2016.
- PEIXOTO, J.; ARAÚJO, C. H. Tecnologia e Educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, jan.-mar. 2012
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, NBC University Press, v. 9, n. 5, out. 2001.
- PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a Internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. 361 p. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.
- SANTOS, E. Educação on-line como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. *In*: SANTOS, E.; ALVES, L. (org.). **Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais**. 1ed. Rio de Janeiro: E-PAPERS, 2010.
- SILVA, J. A. M.; AMORIM, W. L. Abordagem histórica e contribuições do Nead/UFMA: a educação a distância no estado do Maranhão. **Poiésis**, Unisul, Tubarão, v. 7, n. 11, jan./jun, 2013, p. 137 – 148.